

AMBIENTE *Inpe rebate pesquisa sobre desmatamento oculto, resultado do corte seletivo de árvores na Amazônia*

Estudo recalcula área desflorestada

FÁBIO SOARES
 Editor da Folha Vale

Pesquisa do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) entregue ao Ibama há um mês revela que 1.561 km² da área devastada anualmente na Amazônia são fruto da extração seletiva de madeira, atividade geralmente ilegal.

O que aparenta ser má notícia, na verdade, pode ser razoável. Isso porque os dados do Inpe visam rebater um estudo de abril de 99 da revista "Nature" — uma das mais respeitadas do mundo — com cifras muito maiores.

O trabalho dimensionava o estrago entre 10 mil e 15 mil km² por ano de área "severamente" alterada pela extração seletiva. A explicação para a diferença é, segundo o Inpe, a metodologia adotada.

O Inpe fez uma mensuração direta utilizando imagens do satélite Landsat. Foram selecionados 26 pontos de maior incidência do corte seletivo e verificada a evolução das imagens de cada local, desde 88, totalizando 286 cenas.

Os autores do artigo na "Nature" fizeram uma estimativa com base nas informações de responsáveis por 1.393 das 2.533 serrarias da região amazônica, além de entrevistas com 202 proprietários de terra. O resultado foi calculado a partir do volume de madeira.

Divergências no Inpe

Um dos co-autores da publicação da "Nature", o chefe do CPTec (Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos), Carlos Nobre, discorda dos resultados apontados pelo instituto em que trabalha. "Pode ser que não

chegue a 15 mil km², mas quem acompanha o corte seletivo na Amazônia sabe que é bem mais do que os cerca de 2.000 km² divulgados pelo Inpe."

A coordenadora geral de Observação da Terra, Thelma Krug, admite que a avaliação do Inpe tem uma margem de erro, mas acredita ser menor do que a da "Nature". "As metodologias são totalmente distintas, no entanto, nossos dados são uma análise direta das imagens. Eles fizeram uma projeção e usaram uma margem enorme de diferença de 5.000 km²."

A coordenadora diz também que a participação de Nobre se limitou aos aspectos climáticos, sua especialidade. "No fim, essa discussão é muito saudável ao meio científico."

Além de Nobre, participaram do artigo na "Nature" ONGs como Ipam (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia) e Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia), e a Universidade Federal do Acre.

"Fomos a campo, essa é uma vantagem de nosso trabalho. O satélite dá uma visão geral, mas perde detalhes", disse a diretora do Ipam, Ana Cristina Barros.

O estudo foi enviado por Thelma Krug para a revista "Nature", para publicação como réplica.

Para aperfeiçoar os resultados sobre extração seletiva, Ibama, Nasa e Serviço Florestal dos Estados Unidos estão comparando informações captadas pelo Landsat com imagens feitas em vôos com a utilização de sensores infravermelhos. O Inpe espera receber a análise em três meses.

O corte seletivo na Amazônia



Imagem de satélite mostra áreas de desmatamento em 1998 a leste de Paragominas (PA)

	Total devastado por corte seletivo*	Total de desflorestamento*	Proporção em relação ao total desmatado
88/89	1.959	17.860	11%
89/90	1.011	13.810	7%
90/91	794	11.130	7%
91/92	1.080	13.786	8%
92/93	3.220	14.896	22%
93/94	944	14.896	6%
94/95	1.343	29.059	5%
95/96	1.571	18.161	9%
96/97	1.989	13.227	15%
97/98	1.919	16.838**	11%

* área medida em quilômetros quadrados ** estimativa baseada em 46 cenas do Landsat
 Fonte: Inpe (Instituto de Pesquisas Espaciais)

Números oficiais de 99 sairão só em meados de abril

da Folha Vale

O diretor do Inpe, Márcio Nogueira Barbosa, disse ontem em São José dos Campos que os dados do Prodes (Projeto de Estimativa do Desflorestamento Bruto da Amazônia) serão divulgados na segunda semana de abril. Sobre os resultados, só adiantou que não são alarmantes.

"Estamos ainda fazendo uma checagem final dos dados."

A divulgação está atrasada este ano. Normalmente esses núme-

ros são anunciados em janeiro. A coordenadora-geral de Observação da Terra, Thelma Krug, afirmou que "não haverá surpresa".

Segundo o gerente do programa, João Roberto dos Santos, parte do dinheiro destinado ao Prodes foi liberado pelo governo em novembro, quando normalmente sai em julho ou agosto.

Santos afirmou que o instituto recebeu "mais ou menos" R\$ 300 mil, de um total de R\$ 900 mil destinados ao programa. Como o Orçamento da União deste ano

ainda não foi aprovado, os repasses são feitos por meio de duodécimos (fração mensal dos recursos destinados ao órgão).

"Isso atrapalha um pouco, pois existe um ritmo de trabalho programado, mas sabe como é, com jogo de cintura nós damos um jeito. O trabalho não foi prejudicado", disse Santos.

A assessoria do ministro da Ciência e Tecnologia, Ronaldo Sardenberg, informou na semana passada que o atraso ocorreu devido a problemas com fluxo de

caixa causados pelas dificuldades econômicas vividas no ano de 1999. Segundo a assessoria, porém, o atraso não implica prejuízo ao programa.

As áreas desflorestadas cresceram 27% de 97 para 98. A degradação em 97 foi de 13.227 km² e em 98 a estimativa foi de 16.838 km².

O Inpe monitora 4,2 milhões de km², o equivalente a 57% do território brasileiro. São necessárias 229 imagens para o satélite cobrir essa área. (F5)